



Aproximadamente um mês das eleições presidenciais nada de novo provavelmente ocorrerá e Dilma, a figura mais emblemática das mudanças de rumo que o Governo Lula empreendeu após escândalo do “mensalão”, vencerá com uma votação esmagadora e consagrada, possivelmente próximo dos 60% dos votos válidos que Lula obteve no segundo turno de 2006 e proporcionalmente mais do que FHC conquistou em 1994 sob o impulso do Plano Real.

É lamentável o papel que Serra figura na tragédia mais do que anunciada de sua candidatura nas atuais eleições: ele que militou no campo da esquerda nos anos 60 e 70, lecionou economia no Instituto de Economia da Unicamp, um dos centros de excelência do pensamento econômico desenvolvimentista, acabará encerrando sua longa e respeitável carreira pública vociferando raivosamente discurso anticomunista, difamando e caluniando o Partido dos Trabalhadores numa espécie de ressurreição tardia do lacerdismo dos anos 50.

Se até o momento a campanha eleitoral se limitou a uma feira na qual postulantes se destacam por vender mais do mesmo na “saúde, educação e no social” e não colocam em questão a política econômica considerada consensualmente como fator do desenvolvimento e da estabilidade alcançada nos últimos 16 anos, se em suma os debates eleitorais tem se caracterizado por falta de politização do povo transformado em passivo receptor de mensagens infantilizadas de profissionais do “marketing eleitoral”, o dito escândalo de dados fiscais de figuras do PSDB e o uso deste como arma eleitoral para denegrir e difamar o Partidos dos Trabalhadores poderá constituir talvez no único momento explícito de luta de classes que estas eleições poderão apresentar. E por que luta de classes?

O PT nunca aspirou à revolução e suas figuras mais representativas abrigadas no antigo campo majoritário atual Construindo Novo Brasil desde sua fundação adotam como visão estratégica a conquista e manutenção do poder pela via eleitoral e a utilização dos instrumentos do Estado para promover redistribuição de renda junto aos mais pobres dos brasileiros e o fomento do desenvolvimento econômico estimulado pelo mercado interno.

O PT constituiu instrumento de luta das massas nos anos 80 e várias conquistas no campo da política social de direitos consagrada na Constituição de 88 tiveram no PT e nos movimentos sociais associados amparo e base política de atuação parlamentar e extra-parlamentar.

Quando então a candidatura de Serra e a grande imprensa tucana sob a alegação da defesa dos direitos individuais associam nomes com filiação ao PT que infringiram tais leis e responsabilizam sem provas a ação dessas pessoas a uma orquestração pelo Partido dos Trabalhadores não faz mais do que desqualificar o PT e sua importância histórica na consolidação democrática de massas no Brasil. É o mesmo que pessoas com carteirinha partidária praticar homicídio e o partido político ao qual pertencem ser civil e criminalmente responsável pelo ato criminoso. É tomar o todo pela parte. Serra e seus aliados não utilizam as armas do denunciamento porque estejam sinceramente preocupados com os direitos das massas e com a democracia real, porque quando estiveram à frente do estado não hesitaram em privatizar as estatais, flexibilizaram direitos sociais e trabalhistas e criminalizaram os movimentos sociais e seus representantes. Atacam o PT porque o reconhecem como partido de massas e porque seu enfraquecimento moral e ideológico serve para fortalecer no futuro o PT enquanto bastião na defesa das mínimas garantias sociais e trabalhistas.

Além disso, a estratégia do PSDB de vilipendiar o PT e desmoralizá-lo junto a sua base social é auferir algum dividendo eleitoral. A estratégia tucana tem por fim difamar e minimizar os impactos da onda dilmista que provavelmente tornará o PT na maior bancada na câmara federal e partido principal da aliança governista. Os ataques de Serra e seu discurso lacerdista tardio é hipócrita e demagógico eleitoralmente, quer confundir o amplo eleitorado sensível à dramaturgia dos âncoras do Jornal

Nacional e assim criminalizar o PT. Até o presente Serra tem enveredado para a desqualificação de Dilma considerada despreparada para governar o estado brasileiro por jamais ter disputado eleições. Serra em 2002 usou do mesmo estratagema para desqualificar Lula por sua inexperiência administrativa e por Lula ter desde 1989 se profissionalizado em campanhas majoritárias e não ter aproveitado para estudar ou “começar como prefeito de cidade grande”. A presidência não é um cargo administrativo e sim político e Lula não se tornou o presidente mais popular da história contemporânea por suas credencias administrativas e organizacionais e sim pela condução de um governo de conciliação de classes fundamentado em uma onda de prosperidade conjuntural favorável.

É por todas essas considerações que a difamação tucana é exibição nua e crua de luta de classes, porque o PT ao longo de sua história representou instrumento de luta das massas dentro da democracia brasileira, canalizando insatisfações e conquistando mediante mobilizações e vitórias parlamentares diversas benesses sociais várias das quais consagradas em lei pela Constituição de 88.

É claro que as ações do governo Lula e as condições da economia brasileira são a base que consolida o PT e o lulismo como arma eleitoral e ideológica de grande impacto de massa, conquistando a adesão dos beneficiários das políticas sociais e dos segmentos médios da classe trabalhadora que aparentemente ganham com a prosperidade econômica recente (“aparentemente” porque é nos momentos de prosperidade que os trabalhadores mais trabalham e menos recebem em função do que trabalham e precisam para viver). O capital, por sua vez, também concede amplo apoio financeiro à candidata oficial na medida em que a política econômica não é colocada em xeque, ao contrário reafirmada pelas ações combinadas do Banco Central e do Ministério da Fazenda e com o respaldo das políticas de favorecimento dos grupos nacionais pelo BNDES.

Em suma, Serra e os tucanos estão isolados política e socialmente. O discurso lacerdista expõe o desespero político de Serra porque ele sabe que seu destino eleitoral e político será enterrado com honras fúnebres em 3 de outubro e a tentativa de ressurreição do anticomunismo em roupagem antipetista serve apenas para conquistas de eleitores indecisos e, dessa forma, minimizar a humilhação nas urnas no primeiro turno próximo.

Todavia, a derrota de Alckimin no segundo turno de 2006 ocasião em que o candidato tucano empunhou as mesmas bandeiras moralistas contra Lula e obteve no final do pleito menos votos que tivera no primeiro turno deveria servir de lição à inteligência estratégica do tucanato. Reforça o tom alarmista de Serra é também a possibilidade de seu isolamento no próprio núcleo decisório da oposição visto as urnas proporcionarem provavelmente grande força eleitoral a jovens promessas como Aécio Neves e Beto Richa que projetam perspectivas sérias de poder no futuro ao PSDB e a seus aliados.

Mas meu assunto desta coluna é também ameno e agradável.

Tenho verdadeira fascinação pela seleção de 1982 e por seus principais personagens. Ainda durante meu período maringense cheguei a ler todos os exemplares da Placar entre os anos de 1980 e 1982 para acompanhar a formação do inesquecível escrete de Telê. As crônicas de Alberto Helena Jr. na Placar além de maravilhosamente bem escritas são verdadeiras peças documentais da constituição da equipe de 82. Helena Jr. expôs nos seus textos os problemas táticos que Telê teve que enfrentar para compor o time básico o qual se contava com craques de grande talento ofensivo e criativo poderia expor a seleção defensivamente quando enfrentasse equipes européias mais qualificadas. Recentemente pesquisei junto ao youtube os melhores momentos dos cinco jogos que a seleção de 82 fez na Copa da Espanha.

A derrota de 1982 (que teve seu triste epílogo na envelhecida seleção de 1986) não apenas representou a impossibilidade de coroar uma das mais talentosas gerações do futebol brasileiro como também trouxe implicações de longo prazo: a seqüência de derrotas nas copas seguintes fez acumular um longo período de jejum a seleção canarinho, levando a direção da CBF a optar por comandos técnicos orientados para o pragmatismo com o fim de quebrar a seca de títulos. As conquistas de 94 e 2002 tiveram a finalidade de encerrar o tabu e formar equipes competitivas, com alguns jogadores fora de série capazes de decidir partidas em alguns lances de inusitada inspiração. Com o pentacampeonato de 2002 consolidou-se o esquema tático que Dunga utilizou em 2010 formado pelo trio ofensivo, dois meias atacantes próximos a um artilheiro goleador.

Todavia, apesar das vitórias e as conquistas de dois títulos mundiais após o fim da era Pelé a subordinação do jogo coletivo ao futebol de resultados entremeado por pálidos momentos de inspiração de alguns jogadores geniais da estirpe de Ronaldo, Rivaldo, Romário, Kaká, Gaúcho relegando a segundo plano as tradições do futebol canarinho deixou também um gosto de insatisfação e de frustração pela convicção sustentada na experiência de mais de 50 anos de história de que o futebol brasileiro pode mais. Não é casual que em todas as copas e nos períodos que antecedem o evento esportivo mundial a geração de 82 é lembrada, o futebol arte ansiado, e muitos jogadores e técnicos são constrangidos com comparações com o futebol inesquecível de 1982.

A derrota de 86 representou o definitivo sepultamento do futebol arte a favor do pragmatismo competitivo marcante nas campanhas vitoriosas de 1994 e 2002. Creio que a amarga derrota para a Holanda na copa de 2010 (digo amarga porque diante do apresentado contra o Chile graças às entradas de Ramirez e Dani Alves e o notável primeiro tempo nas quartas-de-final criou-se a expectativa de que o Hexa era uma questão de mais dois jogos) poderá também representar o sepultamento do pragmatismo competitivo hegemônico desde a Copa de 1990 que marcou o nascimento do dunguismo e da tática do trio ofensivo.

Com a próxima copa sendo realizada no Brasil e despontando jogadores de notável postura ofensiva e criativa como Ganso, Neymar e Felipe Coutinho será possível o resgate das melhores tradições do futebol canarinho.

Com isso também será enfim esquecida a frustração de 1982 e os deuses que vemos em imagens de revistas e vídeos antigos desfilando um futebol artístico de toques rápidos, tabelas envolventes, movimentações irresistíveis (como o exibido por craques lendários como Zico, Sócrates, Falcão e Junior) poderão finalmente ser vingados e descansarem em paz no imaginário futebolístico brasileiro.

Para isso é imprescindível formar um selecionado de jogadores que aliem coletivamente competitividade e arte.

A opção da direção da CBF por Mano Menezes em detrimento de Muricy e Felipão, adeptos da tática esgotada do trio ofensivo, é um indicador que a conjunção de competitividade e futebol arte poderá ocorrer em 2014. O sonho frustrado de 82 para ser definitivamente esquecido deverá ser realizado: é preciso vencer e convencer.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.